

A DIMENSÃO SOCIAL E VERBAL DE UM TEXTO DO GÊNERO RESENHA CRÍTICA

COSTA-HÜBES, Terezinha da¹
LANGARO, Cleiser Schenatto²
BERTIN, Diana Maria Schenatto³
DACOLTIVO, Fernanda⁴
PERETTI, Rizane Andréia Kalsing⁵

RESUMO

Neste artigo, apresentamos reflexões sobre a linguagem como forma de interação entre sujeitos, destacando a importância de seu ensino e aprendizagem por meio dos gêneros discursivos. O tema principal de nosso estudo é a língua como ato concreto que se constitui nas relações e interações sociais. Para isso, o objetivo desse artigo é refletir sobre os gêneros, enfocando mais precisamente a dimensão social e verbal de um texto do gênero resenha crítica. Amparamo-nos teoricamente em Volochínov/Bakhtin (1926), Bakhtin/Volochínov (1997), Bakhtin (2003), Geraldi (2006), Costa-Hübes (2014, 2015), entre outros. Entendemos que a linguagem constitui-se nas interações dialógicas e por meio delas se estabelecem os diálogos nos quais os sujeitos constroem e ampliam seus conhecimentos. Nesta perspectiva, pretendemos, por meio deste estudo, ampliar reflexões sobre a linguagem enquanto ato social e dialógico.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros discursivos. Interações dialógicas. Enunciados. Resenha crítica.

THE SOCIAL AND VERBAL DIMENSION OF A CRITICAL REVIEW GENRE TEXT

ABSTRACT:

In this article, language reflexes as interaction way between subjects are presented. Thereby, their teaching and learning through the discursive genre are important to highlight. The main theme of the present study is the language as concrete act that was constructed based on social relations and interactions. The aim of this study was reflect about genres focusing especially on social and verbal dimension of a critical review genre text. The theoretical support included Volochínov/Bakhtin (1926), Bakhtin/Volochínov (1997), Bakhtin (2003), Geraldi (2006), Costa-Hübes (2014, 2015), among others. The language is constituted on dialogic interactions and through them has been established the dialogues in which subjects construct and expand their knowledge. In this perspective, expand reflections about language on social and dialogical act are the focus of this study.

KEYWORDS: Discursive genres. Dialogical interactions. Statements. Critical review.

¹ Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras e da Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, PR, Brasil. tehubes@gmail.com

² Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Doutorado – área de concentração em Linguagem e Sociedade da UNIOESTE – Campus de Cascavel. Docente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, PR, Brasil. cleiserschenatto@hotmail.com

³ Mestranda do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado Área de Concentração em Linguagem e Sociedade Linha de Pesquisa: Linguagem Práticas Linguísticas e de Ensino - Orientadora Dra. Terezinha Costa-Hübes. dianaschenatto@hotmail.com

⁴ Mestranda do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado Área de Concentração em Linguagem e Sociedade Linha de Pesquisa: Linguagem Práticas Linguísticas e de Ensino. fdacoltivo@gmail.com

⁵ Aluna especial da disciplina Gêneros Discursivos e Práticas Linguísticas ofertada no curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, ministrada pela Profa. Dra. Terezinha Costa-Hübes.

1. INTRODUÇÃO

A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua(gem). Por meio dela, o homem se modifica e interage com o mundo, adequando-a de acordo com as suas necessidades. Como professoras e pesquisadoras, nosso interesse central está em estudar os fenômenos relacionados à linguagem. Assim, partimos da compreensão de que a linguagem é um meio de interação entre os sujeitos, um fenômeno social que está em constante evolução, transformando-se conforme as situações de interação que envolvem os locutores e interlocutores. A língua, então, constitui-se e é constituída pelo sujeito; ela é carregada de ideologias, portanto, não é neutra. Bakhtin (2003) afirma que “[...] a língua é deduzida da necessidade do homem auto-expressar-se, de objetivar-se. A essência da linguagem nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho, se reduz à criação espiritual do indivíduo” (BAKHTIN, 2003, p. 270).

Na linguagem se concretizam os enunciados elaborados conforme o contexto social, político e histórico, efetuados com alguma intenção e/ou objetivo. Sobre a interação verbal, Bakhtin/Volochínov (1997) consideram que:

[...] A verdadeira substância da língua [...] é constituída [...] pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através de enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1997, p.123).

Assim sendo, a língua(gem) se constitui socialmente nas relações discursivas e dialógicas entre discursos lidos, ouvidos, produzidos e/ou imaginados, os quais se fazem presentes em todas as esferas e manifestações humanas.

Partindo do pressuposto que a língua(gem) é um ato concreto pertencente ao contexto social no qual o sujeito está inserido, Costa-Hübes (2014) destaca que os discursos, por meio de seus enunciados, possuem uma valoração, ou seja, revela um posicionamento axiológico do sujeito, influenciado pela esfera social e pelo contexto no qual está inserido. Logo, reconhecer, como leitor/ouvinte de um enunciado, os elementos que fazem parte desse contexto, possibilita o entendimento dos enunciados.

Ao adotarmos esses preceitos teóricos, nosso objetivo, por meio deste estudo, é refletir sobre os gêneros no que se refere às suas dimensões social e verbal, analisando esses aspectos em um texto representativo do gênero resenha crítica. Para tanto, nos amparamos em Bakhtin/Volochínov (1997), Bakhtin (2003), Geraldi (2006), Costa-Hübes (2014, 2015) para refletir sobre o ensino da língua(gem) por meio do estudo dos gêneros do discurso, analisando as suas dimensões. As

reflexões aqui propostas se sustentam na Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006), ciência que compreende a linguagem como uma prática social. O foco principal deste estudo é a linguagem em uso, pois pretendemos ampliar nossas compreensões sobre os gêneros e as suas dimensões social e verbal.

Na perspectiva de atendermos ao proposto, organizamos o presente texto da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos algumas reflexões sobre linguagem e interação verbal; em seguida, discorreremos teoricamente sobre os gêneros discursivos, explorando sua dimensão social e verbal, destacando os três elementos constituintes de todo enunciado/gênero do discurso, a saber: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo; na última, parte faremos a análise e o estudo de um texto-enunciado do gênero resenha crítica, sobre o qual exploramos suas dimensões sociais e verbais.

2. CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E INTERAÇÃO VERBAL

A linguagem está presente em todas as ações de interação, podendo ser verbal ou não verbal. Para Bakhtin (2003), a linguagem faz parte da humanidade e, sendo assim, “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Linguagem e sujeito são conceitos indissociáveis. Em consonância com Bakhtin, Costa-Hübes (2015) evidencia que a linguagem “[...] ajusta-se as condições impostas pelo contexto e pelos sujeitos envolvidos no ato interlocutivo [...]” (COSTA-HÜBES, 2015, p. 143). Em todas as interações verbais entre sujeitos é recorrente o uso da linguagem, pois todo sujeito, ao falar ou escrever, promove interações e, para isso, organiza seus enunciados levando em consideração seus interlocutores, onde esse enunciado circulará etc. Portanto, cada enunciado é produzido com alguma razão ou objetivo e está relacionado ao contexto histórico, social, cultural e ideológico.

Os enunciados, segundo Bakhtin/Volochínov (1997), são determinados em função das condições de sua produção e da posição social que os sujeitos (interlocutores) ocupam. Entendemos, assim, que o contexto no qual os enunciados são produzidos é constituído por significados relacionados ao momento social e histórico. Faz-se necessário, então, refletirmos sobre todos os aspectos que envolvem um enunciado. E, dentre esses aspectos, destacamos a importância que o(s) interlocutor(es) apresenta(m) na organização/constituição do enunciado. Nesse sentido, Bakhtin/Volochínov (2004) afirmam que:

[...] a palavra dirige-se a um interlocutor: ela é a função da pessoa desse interlocutor: variará se tratar de uma mesma pessoa de um mesmo grupo social ou não, se esta for superior ou inferior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próximo nem no figurado [...] (BACHTIN/VOLOCHÍNOV, 1997, p.112).

Portanto, todos os enunciados são produzidos para alguém, isto é, para um interlocutor. Como explica Menegassi (2009), o outro (o ouvinte ou leitor), não se coloca na posição passiva de apenas ouvir ou decodificar; ele é alguém que reage, que questiona, que concorda ou discorda, enfim, que dialoga com o autor. O autor complementa:

Assim, no diálogo, o outro, aquele a quem a palavra é dirigida, não se comporta apenas como mero ouvinte; ao contrário, sua relevância alcança o momento anterior à verbalização do enunciado, visto que é a ele que a palavra se dirige e é em função dele que essa mesma palavra se configura, não de forma idealizada, mas sob a coerção das relações sociais mutuamente estabelecidas (MENEGASSI, 2009, p. 153).

Sendo assim, interessa-nos saber, em um ato de interação, quem é esse outro, qual posição social ele ocupa, que valores em comum há entre ambos. É nesse entremeio, nesse espaço compartilhado que a linguagem se concretiza e dá vida aos enunciados.

Falar, portanto, de enunciados significa compreender que eles são constituídos de duas partes: uma verbal (conteúdo temático, estilo e construção composicional) e outra extraverbal (contexto de produção). Essas dimensões serão compreendidas pelos interlocutores se eles estiverem situados sócio-historicamente, conforme explicam Bakhtin/Volochínov (1997).

Diante da compreensão de que a interação verbal ocorre sempre na relação com o(s) outro(s), compreendemos, assim como Costa-Hübes (2014), que:

A interação compreende, então, dois sujeitos reais espacial e historicamente situados, que se permitem dialogar por meio de uma situação de linguagem (oral, escrita ou não verbal) em um dado contexto que determina, por sua vez, a organização do enunciado. Todavia nem sempre é possível conhecer de antemão nosso interlocutor (COSTA-HÜBES, 2014, p.18).

Assim sendo, nas interações verbais entre sujeitos ocorre uma troca de conhecimentos, um confronto de ideias, de posicionamentos, réplicas, questionamentos, enfim, de diálogos. Mesmo quando os enunciados são produzidos para um interlocutor que não está presente, ou seja, um interlocutor desconhecido, os enunciados serão determinados pela situação de interação. Diante do exposto, podemos dizer que a língua é viva, social e está em constante desenvolvimento, pois ela se constitui nas relações entre os sujeitos. Assim, todas as comunicações são estabelecidas socialmente, nas diversas espécies de interações.

Desse modo, se a linguagem é o veículo de interação entre os sujeitos, Geraldi (2006) destaca ser necessário pensá-la diante do ensino da Língua Portuguesa, uma vez que:

[...] a questão da linguagem é fundamental no desenvolvimento de todo e qualquer homem. De que ela é condição *sine qua non* na apreensão de conceitos que permite aos sujeitos compreender o mundo e nele agir; de que ela é ainda a mais usual forma de encontros, desencontros e confrontos de posições, porque é por ela que estas posições se tornam públicas, é crucial dar a linguagem o relevo que de fato tem: não se trata evidentemente de confinar a questão do ensino de língua portuguesa à linguagem, mas trata-se da necessidade de pensá-lo a luz da linguagem (GERALDI, 2006, p.4-5, grifos do autor).

Nesse sentido, entendemos que a linguagem é um procedimento integrante do desenvolvimento do sujeito, pois, por meio dela, acontece a interação e o confronto de ideias. Sendo assim, devemos considerar a linguagem nas interações entre os sujeitos, nos processos interlocutivos para, assim, pensarmos no processo de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa.

Brocardo (2015) destaca a necessidade de considerarmos a linguagem como um fenômeno social, produzida nas interações verbais dos sujeitos, que são sempre situados no tempo e no espaço. Destarte, “[...] estudar a linguagem significa ir além da análise das estruturas verbais, das formas da língua, direcionando o olhar para o(s) sentido(s) do discurso produzido(s) numa situação única de enunciação” (BROCARD, 2015, p. 231). Portanto, toda situação comunicativa se realiza por meio de enunciados concretos que se organizam em gêneros discursivos, tema tratado na próxima seção.

3. GÊNEROS DISCURSIVOS

Os gêneros discursivos organizam todas as enunciações, e podem ser compreendidos como práticas sociais de uso da linguagem. Os gêneros discursivos “[...] não são criados pelos falantes, mas lhes são dados historicamente [...]” (COSTA-HÜBES, 2014, p. 21). Logo, precisamos aprender a fazer uso da linguagem e, conseqüentemente, dos gêneros. Bakhtin (2003) ressalta que os gêneros discursivos estão relacionados ao uso da língua e, portanto, o emprego da língua

[...] efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e a finalidade de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação.

Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003, p. 261-262, grifos do autor).

Conforme palavras do autor, os enunciados se concretizam no emprego da língua e se destacam por serem únicos em função do sujeito que o produz. Todavia, os enunciados se organizam em um dado gênero discursivo, que é formado por seu conteúdo temático, seu estilo e sua construção composicional. Portanto, os enunciados são elaborados de acordo com a necessidade de comunicação, o que requer, para cada situação de comunicação um enunciado distinto, que será determinado pela situação de interação.

Em consonância com Bakhtin (2003), Costa-Hübes (2014) destaca que “os gêneros são, portanto, formas mais ou menos estáveis que definem/determinam/organizam nosso modo de dizer/escrever, refletindo as condições e finalidades específicas de cada esfera [...]” (COSTA-HÜBES, 2014, p. 23). Nesse sentido, cada gênero discursivo, independente de sua função e enunciado, contempla um conteúdo temático, um estilo e uma construção composicional, constituindo, assim, a dimensão verbal do gênero, sobre a qual explicitaremos na próxima seção.

Estudar os gêneros e reconhecê-los significa entender a linguagem como uma necessidade primordial de comunicação entre os sujeitos, portanto, “[...] o reconhecimento de um gênero se constitui como algo essencial, uma vez que todas as situações comunicativas só se efetivam por meio de enunciados concretos materializados nos gêneros discursivos” (BROCARDO, 2015, p. 230).

Nessa perspectiva, entendemos a importância de todos os gêneros discursivos, justamente por se constituírem como práticas sociais de interação. Brocardo (2015) destaca ainda que,

[...] ao avançarmos em termos de entendimento sobre como se constituem os gêneros, tendo em vista seu conteúdo temático, sua construção composicional e seu estilo, articulados dialogicamente a uma situação comunicativa e a uma dimensão social, percebemos e compreendemos melhor seus significados e, conseqüentemente, tomamos em relação a eles atitudes responsivas mais ativas (BROCARDO, 2015, p. 230).

Compreendemos, assim, que o reconhecimento dos gêneros a partir de suas principais características possibilita, aos interlocutores, atitudes responsivas diante dos seus posicionamentos. Ademais, debruçar-se em tal estudo significa entender que, por meio de enunciados, elaboramos nossos discursos/enunciados, que se moldam em determinados gêneros do discurso, compreendidos em sua dimensão social e verbal. Esse é o tema da seção subsequente.

3.1 DIMENSÃO SOCIAL E VERBAL DO GÊNERO

Ao analisar a Dimensão social do gênero, conforme Costa-Hübes (2016), consideramos os aspectos sociais como: contexto de produção, horizonte espacial e temporal (onde e quando é produzido, esfera de produção, veículo de circulação), horizonte temático (tema, finalidade), horizonte axiológico dos interlocutores (quem produz os textos, papel social do autor, para quem é produzido etc.). Nesse sentido, sobre a análise de um gênero discursivo, Brocardo (2015) ressalta a importância de se realizar essa análise a partir do contexto social e das relações sociais nas quais o enunciado produzido e se encontra.

Todo enunciado é elaborado conforme o meio social, o momento histórico, o seu interlocutor, sua intenção, enfim todos os enunciados são constituídos socialmente a partir de uma intenção e/ou necessidade. Sobre o contexto social nos quais os enunciados são elaborados, Bakhtin/Volochínov (1997) destacam que:

[...] o discurso verbal é claramente não auto-suficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação (BAKHTIN VOLOSCHÍNOV, 1997, p.6).

Entendemos, assim, que o discurso verbal está relacionado ao extraverbal, ao social. Assim, como destaca os autores, “[...] O discurso verbal em si, tomado isoladamente como um fenômeno puramente linguístico, não pode naturalmente, ser verdadeiro ou falso, ousado ou tímido” (VOLOCHÍNOV/ BAKHTIN, 1926, p. 6). Desse modo, ao analisarmos um determinado enunciado, devemos considerar a sua dimensão social, que envolve os entornos dos discursos, o contexto que completa um sentido para os enunciados verbais, ou seja, os enunciados partem do social, daquilo que não está escrito.

Os autores, na citação anterior, ao referirem-se à constituição dos enunciados e, conseqüentemente, dos gêneros do discurso, defendem que só a análise do aspecto verbal de um enunciado é insuficiente, pois ele depende de seu contexto extraverbal para significar. Nesse sentido, os autores explicam que o discurso “[...] nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1997, p. 6).

A situação pragmática extraverbal do enunciado apontada pelos autores é denominada por Rodrigues (2001) como dimensão social do gênero. Para a autora, essa dimensão vai além dos elementos linguísticos, considerando os entornos de toda a situação de interação que envolve a de

produção do enunciado. Esses elementos contextuais direcionam, por assim dizer, a elaboração dos enunciados. Assim, Rodrigues (2001) assevera:

Para além de uma parte verbal expressa (exprimida, materializada), fazem parte do enunciado, como elementos necessários a sua constituição e a sua compreensão total, isto é, à compreensão do seu sentido, outros aspectos constitutivos do enunciado, que se pode denominar como a sua dimensão extraverbal, ou a sua dimensão social constitutiva (RODRIGUES, 2001, p. 22).

Para os filósofos russos, o contexto extraverbal compreende três fatores: 1) o horizonte espacial comum dos interlocutores; 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores; e 3) sua avaliação comum dessa situação.

Rodrigues (2001), a partir desses fatores, estabeleceu as seguintes categorias para a análise/compreensão de um enunciado:

a) horizonte espacial e temporal: esse elemento corresponde ao *onde* e *quando* o enunciado fora produzido; b) horizonte temático: corresponde ao objeto, ao conteúdo temático do enunciado (aquilo de que se fala); c) horizonte axiológico: é a atitude valorativa dos participantes do acontecimento (tanto aqueles que no ato de interlocução exprimem sua valoração) a respeito do que ocorre (em relação ao objeto do enunciado, em relação aos outros enunciados, em relação aos interlocutores) (RODRIGUES, 2001, p. 24).

Ao verificarmos o que disseram os filósofos russos, bem como a compreensão feita pela linguista brasileira, compreendemos que para analisarmos um enunciado, é importante que os interlocutores envolvidos levem em consideração o lugar onde esse enunciado fora produzido, bem como quando isso ocorreu, isto é, tanto os que produzem como os que recebem o enunciado devem compartilhar o mesmo horizonte espacial e temporal, para que possa expressar seu horizonte axiológico, ou seja, a sua avaliação do que fora produzido.

Além da dimensão social, é necessário também, ao estudarmos os gêneros, considerarmos sua dimensão verbal. Sob essa orientação teórica, o aspecto verbal do enunciado é o resultado da fusão de três dimensões constitutivas, como bem sinaliza Bakhtin (2003): i) o conteúdo temático, que podemos compreendê-lo como o conteúdo que pode ser tratado num determinado gênero discursivo, atendendo a uma determinada necessidade, num determinado momento histórico de produção. Sobral (2013), apropriando-se dos postulados bakhtinianos, explica que o “tema é um termo de grande riqueza sugestiva [...] é o tópico do discurso como um todo” (SOBRAL, 2013, p. 173); ii) o estilo – seleção lexical, frasal, gramatical, formas de dizer que têm sua compreensão determinada pelo gênero. O estilo, por sua vez, segundo Bakhtin, “está indissolúvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 282-283). Sobral (2013) afirma que “o estilo é o aspecto do gênero mais ligado à sua mutabilidade:

é ao mesmo tempo expressão da relação discursiva típica do gênero e expressão pessoal, mas não subjetiva, do autor no âmbito do gênero” (SOBRAL, 2013, p.174). Entendemos, portanto, que o autor, independente de seu estilo, não pode mudar o estilo inerente a cada gênero discursivo. Mediante tal definição, percebemos que cada gênero discursivo tem seu estilo próprio, e que, em alguns casos, não é possível que o autor revele seu estilo de linguagem. O estilo também está totalmente imbricado nas unidades temática e composicionais do gênero; iii) a construção composicional – procedimentos, relações, organização, disposição e acabamento da totalidade discursiva, participações que se referem à estruturação e ao acabamento do texto, que sinaliza, na cena enunciativa, as regras do jogo de sentido disponibilizadas pelos interlocutores (SOBRAL, 2013).

A amalgamação dos conceitos apresentados culmina na construção dialógica do discurso, também denominada como dialogismo ou relações dialógicas. Os elementos citados demarcam muito bem a dimensão social e verbal dos enunciados. Brait sinalizou a necessidade de considerarmos tais aspectos, ao defender o seguinte:

O que se observa é que é necessário considerar tanto a materialidade linguística, aquilo que pode ser considerado interno ao texto/ discurso/ enunciado, como a exterioridade, o extralinguístico incluído na complexidade do discurso, das relações dialógicas [...] (BRAIT, 2012, p. 22).

Portanto, os gêneros discursivos devem ser compreendidos como uma prática social de linguagem e de interações. Eles são constituídos a partir de um conteúdo temático, estilo e construção composicional, no que se refere à sua dimensão verbal; e de uma parte presumida, a qual incide diretamente no que e como dizer, denominada por Volochínov/Bakhtin (1926) e parte extraverbal (ou dimensão social). Partindo desta concepção, realizamos algumas reflexões sobre o gênero resenha crítica como uma possibilidade de ensino na Língua portuguesa, conforme apresentamos a seguir.

3.2 ANÁLISE DO GÊNERO DISCURSIVO RESENHA CRÍTICA: SUA DIMENSÃO VERBAL

Antes de iniciarmos nossa análise, destacaremos alguns aspectos relevantes a fim de reconhecermos o gênero em análise, isto é, a resenha crítica. Conforme Baltar, Cerutti-Rizzatti e Zandomenego (2011), ela pode ser assim definida:

[...] apreciação de um texto, visando documentar criticamente seu conteúdo. A finalidade da resenha é a divulgação de textos e de obras, informando, em uma perspectiva crítica, o que

tais textos e obras contêm. A resenha registra impressões pessoais do resenhista sobre o texto-fonte (BALTAR, CERUTTI-RIZZATTI e ZANDOMENEGO, 2011, p. 72).

A resenha crítica, em termos de conteúdo temático, apresenta um texto/enunciado que tem a intenção de fazer o leitor conhecer uma obra, um filme ou peça teatral que está sendo lançado/publicado, fazendo, assim, uma análise crítica. Essa análise pode ser positiva ou não, em concordância ou não com o enunciado, vai depender do ponto de vista do leitor/autor.

Conforme Costa-Hübes (2016), uma resenha não se faz de partes de um texto e sim de um todo, ou seja, de livros completos, filmes, documentários, por exemplo. Quanto à sua construção composicional e estilo, ela deve ser objetiva, ter no máximo três páginas quando estiver relacionada a obras extensas e constituída por apresentação da obra, resumo e apreciação crítica. Destacamos que não é possível fazer uma resenha crítica sem conhecer a obra completa.

Ao escrever uma resenha, o autor deve ter a capacidade para distinguir claramente o que é necessário, fundamental ou não para que o leitor compreenda e conheça a obra resenhada e suas finalidades. Ao resenhar, o produtor deverá se posicionar a respeito da obra, mas não simplesmente dizendo se gostou ou não, deve apresentar seu posicionamento de modo crítico podendo concordar ou não com o autor. Ele precisa compreender o texto, respeitando o autor e suas intenções e ser fiel à obra.

Considerando esses aspectos do gênero e a base teórica que dá sustentação a este texto, passamos, agora, a refletir sobre um texto do gênero, selecionado para o estudo. Trata-se de uma resenha da obra *Alice no País das Maravilhas*, um clássico da Literatura infantil, escrita por Lewis Carroll, que é consagrada há mais de 150 anos⁶. Essa história foi contada pela primeira vez no ano de 1862, em Londres, e em 1865, surge a obra *Alice no País das Maravilhas* que ainda encanta a todos os tipos de leitores.

A resenha que apresentamos a seguir fala de uma reedição dessa obra, publicado em 2010 pela editora Salamandra, portanto, uma edição contemporânea. Vejamos o texto:

⁶ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/alice-no-pais-das-maravilhas-de-lewis-carroll-completa-150-anos-encantando-leitores-artistas-1623517>>. Acesso em: 09 fev.2016.

Quadro 01 – Resenha crítica da obra *Alice no País das Maravilhas*

Resenha Especial: *Alice no País das Maravilhas* por Lewis Carroll Marcadores: [Alice](#), [Alice no País das Maravilhas](#), [Clássico da Literatura](#), [Infanto juvenil](#), [Lewis Carroll](#), [Resenha](#), [Resenha Especial](#), [Salamandra](#)

Que a história do Alice já faz parte do imaginário da maioria das pessoas, ninguém duvida. Ainda mais quando as várias adaptações e releituras estão aí para comprovar o quanto todo o universo criado por Carroll se tornou inspirador. Mas até onde vai a própria criação do autor e os devaneios de outros escritores, é apenas com a leitura dessa fantástica narrativa que podemos observar.

Título: Alice no País das Maravilhas

Série: Alice #1

Autor: Lewis Carroll

Editora: Salamandra

Páginas: 208

Ano: 2010

Quando decidiu seguir um coelho que estava muito atrasado, Alice caiu em um enorme buraco. Só mais tarde descobriu que aquele era o caminho para o País das Maravilhas, um lugar povoado por criaturas que misturam características humanas e fantásticas, como o Gato, o Chapeleiro e a Rainha de Copas - e que lhe apresentam diversos enigmas... Alice não poderia se sentir mais entediada do que está ao ter que observar sua irmã lendo enquanto não há absolutamente nada para ela fazer. No entanto, logo ela observa um coelho branco passar apressado e reclamando das horas enquanto segue em direção a uma toca. Surpresa com o estranho modo dele se vestir, ela corre na tentativa de alcançá-lo sem se preocupar em como faria para sair dali. Mas para sua infelicidade, o coelho rapidamente desaparece e logo ela se vê sozinha em um estranho mundo. Determinada a tirar proveito da situação, ela inicia uma expedição no lugar que lhe rende experiências tão inusitadas quanto encolher e esticar, conversar com uma lagarta, ver um bebê se transformar em um porco, tomar chá com um Chapeleiro um tantinho maluco e ainda, jogar croquê com uma Rainha que não suporta ser contrariada e que pune todos com um sonoro: “Cortem a cabeça!”. Encantada com tudo, apesar de não saber como voltará para casa, Alice se entrega a todas as estranhezas do país das Maravilhas. Um livro que carrega consigo o poder de fazer o leitor se sentir em casa mesmo quando é a primeira vez que ele está sendo lido, certamente é um livro que merece ter um lugar de destaque não só na estante, como também, no coração daquele que o está lendo. Pelo menos foi essa a conclusão que eu cheguei após passar horas fantásticas com Alice, perdida em um universo mágico onde tudo pode acontecer. Pois é com uma narrativa fácil e acessível que o autor Lewis Carroll vai mostrando cada peculiaridade descoberta por Alice em um lugar onde valiosas lições podem ser tiradas mesmo quando a própria protagonista se mostra relutante em reconhecê-las. Mas não é só isso. Acompanhada de ilustrações belíssimas de Helen Oxenbury, essas aventuras se elevam a um novo patamar de encantamento quando vemos que mesmo quando nada parece fazer sentido, os personagens de Carroll podem ser reais na imaginação de qualquer um, desde que esse esteja disposto a acreditar naquilo que lhe está sendo contado. Repleto de canções, histórias e poesias. O autor criou uma obra completa que deveria fazer parte da vida do leitor desde sua infância. Principalmente se for nessa edição incrível produzida pela editora Salamandra, que não só caprichou na diagramação e nas ilustrações do livro, como também, em tudo que se refere ao box que esse livro faz parte. Sinceramente? Essa foi uma das edições mais lindas que tive o prazer de ver. Somando isso a riqueza da própria narrativa do Carroll, posso dizer com tranquilidade que este é um livro essencial na estante de qualquer apaixonado por literatura de qualidade.

Fonte: Mundo do Livro (2017).

Em relação à dimensão social, nossa análise sobre esse enunciado que emoldura o gênero resenha crítica observa o contexto de produção. A resenha da obra *Alice Nos País Das Maravilhas* foi publicada em um blog chamado Mundo dos Livros, idealizada pelo blogueiro Jaksom Fernandes e administrada pela blogueira Isabelle Vitorino, tendo como suporte de circulação a mídia eletrônica, o mundo digital, pois foi veiculado pelo site do Blog⁷, o qual tem como intuito falar sobre os vários gêneros literários e temas informativos.

O gênero pertence à esfera jornalística e, no caso específico desse enunciado, a circulação é via internet. Publicada como resenha especial do mês, Isabelle Vitorino apresenta a obra, destaca suas qualidades e encantamentos, ressalta a importância para a formação do leitor, pois considera que a narrativa transmite valiosas lições que poderão ser associadas à vida. A autora instiga o leitor a conhecer a história resenhada, mencionando suas aventuras e universo mágico. Sendo assim, ela

⁷ Blog Mundo dos Livros, Disponível em: <<http://www.mundodoslivros.com/2014/07/resenha-especial-alice-no-pais-das.html>>. Acesso em: 29 jan.2017.

cumprir com a finalidade do gênero, ou seja, avalia a obra, divulga e promove a curiosidade e o interesse e leitor.

Entender o tema da resenha e a sua finalidade, ou seja, por que foi produzida, qual foi sua intenção, amplia a capacidade de compreensão dos leitores. Ao ressaltar a obra, a autora da resenha destaca que a narrativa pode ser classificada de fácil compreensão, portanto, desperta no leitor uma predisposição para a leitura. Sendo assim, quanto ao horizonte temático, o qual tem como objetivo analisar o tema ou conteúdo do enunciado e a sua finalidade, a resenhista destacou a importância do autor e da obra no cenário literário. Ela também enfatiza a originalidade e beleza da obra, assim como a relação dialógica entre a fantasia e o leitor, quando, por exemplo, diz “[...] um livro que carrega consigo o poder de fazer o leitor se sentir em casa mesmo quando é a primeira vez que ele está sendo lido. [...]” Para Bakhtin/Volochínov (1997), o tema de um enunciado é determinado pelas palavras, estruturas linguísticas, sons, entonações e também pelos elementos não verbais, aqueles que não são ditos, mas compreendidos conforme o contexto que se encontra.

Portanto, “[...] O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema [...]” (BAKHITIN/VOLOCHÍNOV, 1997, p. 129). Na resenha em estudo, podemos dizer que o tema volta-se para a história da principal personagem, Alice, e a finalidade da resenha é apresentar a obra para os leitores.

Desse modo, percebemos a necessidade de reconhecermos que todo tema de um enunciado sempre será concreto, ou seja, terá um objetivo, uma intenção. O tema não se concretiza sem uma significação e, sendo assim, “[...] é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa [...]” (BAKHITIN/VOLOCHÍNOV, 1997, p. 129).

Em relação ao horizonte axiológico, observamos que as resenhas podem ser produzidas pelo autor da obra, por uma editora, ou um site de divulgação, e outros, mas sempre revelando o posicionamento valorativo de quem a produz. Em nossa análise, quem escreve a resenha faz parte de um blog de divulgação de livros e, ao escrever a resenha *Alice no país das maravilhas*, a autora demonstra seu interesse e encantamento pela leitura, principalmente quando diz que essa é “uma obra completa que deveria fazer parte da vida do leitor”.

Percebemos que a autora escreve para alguém, ou seja, para um interlocutor, um leitor em especial, para aquele que gosta de ler de conhecer novas literaturas. A autora deixa visível seu interesse e paixão pela leitura, demonstrando sua posição axiológica.

O reconhecimento dos elementos que compõem a dimensão social do gênero resenha crítica contribui para o processo de ensino aprendizagem de língua portuguesa, é um gênero comum em periódicos científicos, revistas, meio acadêmicos, livros didáticos, blogs, entre outros.

Ao analisar o gênero resenha crítica quanto à sua dimensão verbal, destacamos a importância dos três elementos constituintes do gênero: conteúdo temático, construção composicional e estilo.

De acordo com Bakhtin (2003), todo gênero do discurso apresenta um conteúdo temático específico, presente no enunciado. O enunciado *Alice no País das Maravilhas*, título do livro e título da resenha, faz alusão ao conteúdo temático da resenha, ou seja, relaciona a história da menina Alice em um universo maravilhoso. Esse enunciado apresenta a orientação de um projeto de dizer, contempla uma unidade de sentido, conforme Rosa e Costa-Hübes (2015), e uma orientação ideológica, pois indica a leitura de uma obra clássica da literatura.

O enunciado mencionado apresenta a síntese do livro, com a intenção de destacar sua importância, sua beleza e incentivar o leitor a ler. Ao ser divulgado em um site, um blog, composto por pessoas que consideram importante a leitura, revela a intenção dos autores da resenha crítica e do blog. A autora da resenha demonstra interesse pela obra ao relatar a importância da história e a beleza do livro, deixando visível seu encantamento pela leitura.

O interdiscurso presente na resenha de Isabelle Vitorino valoriza o escritor Lewis Carroll, um autor do universo literário, pouco conhecido antes das várias adaptações e releituras da obra *Alice no País das Maravilhas*. Além disso, também revela seu posicionamento favorável sobre o desenvolvimento da imaginação, aspecto presente na obra resenhada, haja vista o universo maravilhoso que compõe a narrativa, seus personagens e temas. Ocorre, portanto, a recuperação de diversos discursos, aqueles que enfatizam a importância do autor, da obra, da leitura, do universo mágico e maravilhoso no desenvolvimento da imaginação criadora. A construção desse enunciado está imbricada com diversos discursos, pois, conforme Bakhtin, “[...] cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 272). Ou seja, todo discurso é uma mescla de outros discursos, aludindo à atitude valorativa e responsiva da autora.

Outro discurso presente está vinculado à propaganda feita pela autora da resenha, citando a editora que publicou o exemplar, indicando a ideologia de seus enunciados, os quais voltam-se, também, para a venda da obra desta editora.

No que se refere às marcas de intertextualidade, Isabelle Vitorino faz menção às diversas releituras e adaptações da obra *Alice no País das Maravilhas*, mas não cita nomes ou outros textos. O leitor da resenha necessita estabelecer o diálogo com seu universo cultural e de leitura para retomar releituras ou adaptações que tenha lido ou assistido.

Em relação à construção composicional, o enunciado é construído por parágrafos, com uma breve descrição sobre a obra, de maneira narrativa e opinativa, destacando alguns personagens e passagens relevantes, com intuito de apresentar a obra aos leitores e convencê-los de sua qualidade.

Para convencer o leitor de que é importante ler e comprar a obra, a autora se utiliza das marcas linguísticas, que podemos definir como estilo. Dentre elas, o emprego da primeira pessoa do singular, utilizando-se do verbo no presente do indicativo, o que demonstra e reforça o quanto ele concorda com sua escrita “[...] é apenas com a leitura dessa fantástica narrativa que podemos observar.” Quando a resenhista escreve “o autor criou uma obra completa que deveria fazer parte da vida do leitor desde sua infância”, faz uso do verbo futuro do pretérito, o que reforça a intenção em promover a leitura da obra. Ela também enfatiza o quanto considera importante conhecer a obra, e termina dizendo “este é um livro essencial na estante de qualquer apaixonado por literatura”.

Observamos também os pronomes empregados para a produção da resenha os quais identificamos como pronomes demonstrativos. Além dos pronomes, a coesão referencial é utilizada com o intuito de facilitar a compreensão do texto e evitar repetições. O léxico, o emprego verbal, a linguagem e a pontuação, ou seja, todos estes elementos são considerados para definir o estilo de um enunciado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas reflexões que desenvolvemos neste breve estudo, destacamos a linguagem como meio de interação entre os sujeitos, configurando-se uma prática social. A linguagem se constitui nas interações verbais e não verbais, ou seja, em todos os processos comunicativos. Entendemos que a linguagem faz parte do sujeito; é por meio dela que ocorrem a produção dos enunciados escritos, sendo que estes sempre serão concretos e únicos.

No ensino da língua, ressaltamos a importância de reconhecermos os gêneros discursivos como práticas sociais de uso da linguagem. Entendemos que os gêneros vão surgindo na sociedade conforme a necessidade histórica e social dos sujeitos. Portanto, os gêneros estão associados ao uso da linguagem. Os enunciados, por sua vez, organizam-se em um gênero do discurso.

Para melhor compreendermos os gêneros, fizemos reflexões a respeito das dimensões sociais e verbais do gênero, analisando-as em um texto representativo do gênero resenha crítica.

No entanto, acreditamos que este é apenas o início de muitos estudos e pesquisas que poderemos desenvolver a partir dos gêneros discursivos, na perspectiva de melhor compreender sua dimensão social e verbal.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____/VOLOCHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BALTAR, Marcos; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth; ZANDOMENEGO Diva. **Leitura e produção textual acadêmica I**. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2011.

BRAIT, B. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

BROCARDO, Rosângela Oro. Uma Perspectiva Dialógica de Ensino com o Gênero Discursivo Carta ao Leitor. In: COSTA-HÜBES, Terezinha da C.; ROSA, Douglas Corrêa (Orgs.). **A Pesquisa na Educação Básica: Um Olhar para a leitura, a escrita e os gêneros discursivos na sala de aula**. Campinas, SP: Pontes Editoriais, 2015, p. 229 - 252.

COSTA-HÜBES, Terezinha da C. Os gêneros como instrumento para o ensino de Língua Portuguesa: Perscrutando o Método sociológico Bakhtiniano como ancoragem para um encaminhamento didático-pedagógico. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes do; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Orgs.). **Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade** Campinas, SP. Pontes Editores, 2014. p.13 - 34.

COSTA-HÜBES, Terezinha da C.; ROSA, Douglas Corrêa (Orgs.). **A Pesquisa na Educação Básica: Um Olhar para a leitura, a escrita e os gêneros discursivos na sala de aula**. Campinas, SP: Pontes Editoriais, 2015.

COSTA-HÜBES, Terezinha da C. **Orientações para a produção de uma resenha crítica**. Disciplina de Metodologia da Pesquisa em Linguagem/em literatura. UNIOESTE, 2016.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MENEGASSI, Renilson José. Aspectos da Responsividade na Interação Verbal. **Línguas & Letras**. v. 10. n. 18, p. 147-170, 2009.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: Problematização dos Construtos que Têm Orientado a Pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

MUNDO DO LIVRO. Site. 2017. Disponível

em:<<http://www.mundodoslivros.com/2014/07/resenha-especial-alice-no-pais-das.html>>. Acesso em: 29 de jan.2017

RODRIGUES. Rosângela Hammes. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

ROSA, Douglas Corrêa; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. A produção textual escrita como atividade de interação. In: COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (Org.). **Práticas Sociais de Linguagem: reflexões sobre oralidade, leitura e escrita no ensino**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 143-176.

SOBRAL, A. Estética da Criação Verbal. *In*: BRAIT, B. **Bakhtin, Dialogismo e Polifonia**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 167-187

VOLOCHINO, V N.; BAKHTIN, M.M. **Discurso na vida e Discurso na Arte** (Sobre a poética sociológica). Trad. De Carlos Alberto Faraco & Cristovão Tezza [para fins didáticos]. Versão da Língua inglesa de I.R. Titunik a partir do original russo, 1926.